



A Gauchidade nas Narrativas Literária e Cinematográfica Regionais¹

Prof. Dr. Flavi Ferreira LISBOA FILHO²
Universidade Federal do Pampa, Rio Grande do Sul, RS

Resumo

Neste estudo, a ênfase recai sobre como a gauchidade atravessa a literatura e o cinema regional. Embora se reconheça a literatura e o cinema como mídias com suportes diferentes e mesmo com relação à linguagem empregada, em ambas há espaço para o tratamento dado à memória através das narrativas. Neste trabalho agrupamos a literatura e o cinema que retratam narrativas ligadas ao passado sul-rio-grandense, seu *modus* de ser e de agir, nas suas produções, buscando encontrar nelas elementos para melhor compreender como a gauchidade marca e pode ser atualizada por meio destas “leituras”.

Palavras-chave

Gauchidade; Cinema; Literatura; Cultura Regional

Introdução

A noção que ora desejamos trabalhar é a de que a gauchidade é a soma de elementos sociais, culturais, estéticos e midiáticos que caracterizam o discurso do e sobre o gaúcho. Tais ‘falas’ podem ser lidas na indumentária/figurino/moda, no linguajar/expressão verbal, no comportamento, nos hábitos alimentares, nos hábitos sociais, nas tecnologias empregadas, nos utensílios de trabalho e, ainda, nos valores tradicionais – e quem sabe até estereotipados – desse povo: a belicosidade, a coragem, o sentimento de pertencimento à terra, a honra, a importância da família, a liberdade.

Neste estudo, a ênfase recai sobre como a gauchidade atravessa a literatura e cinema regional. Embora se reconheça a literatura e o cinema como mídias com suportes diferentes e mesmo com relação à linguagem empregada, em ambas há espaço para o tratamento dado à memória através das narrativas. Neste trabalho agrupamos a literatura e o cinema que retratam narrativas ligadas ao passado sul-rio-grandense, seu *modus* de ser e de agir, nas suas produções. Portanto, reconhecemos as gramáticas e as lógicas de realização dessas mídias e não pretendemos misturá-las, mas agrupá-las por suas afinidades narrativas no que diz respeito à gauchidade, buscando encontrar nelas

¹ Trabalho apresentado Divisão Temática de Comunicação, Espaço e Cidadania, do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 17 a 19 de maio de 2010.

² Professor Adjunto do Curso de Comunicação Social – habilitação em Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Pampa. Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Pesquisador líder do Grupo de Pesquisa “Mídias, Artes e Narrativas em Contextos Híbridos ou Fronteiriços. (flavifilho@unipampa.edu.br)



elementos para melhor compreender como esta marca e pode ser atualizada por meio destas “leituras”. Também pretendemos, sempre que possível, verificar que relações as obras selecionadas fazem com a tevê regional, em especial com o programa Galpão Crioulo.

Com o propósito de recuperar algumas das marcas da gauchidade construída pelas narrativas históricas e midiáticas, são abordados³: a trilogia “O Tempo e o Vento” de Érico Veríssimo – que foi transformada em minissérie pela Rede Globo, e é comercializada em DVD no portal da Globo –; o filmes “Anahy de las Misiones” (1997), com direção de Sérgio Silva e produção de M. Schmiedt Produções, uma produtora gaúcha. O filme é um longa metragem de produção estadual que traz a temática regionalista, a partir de uma contextualização histórica da Revolução Farroupilha.

O Tempo e o Vento

O Tempo e o Vento é uma obra que discorre sobre a saga de uma família, em meio à formação do estado do RS, ainda designado de Continente de São Pedro. A narrativa começa em 1745. Ana Terra é uma das principais figuras da parte inicial, pois é a partir dela que se formará a família Terra Cambará. Ana é ainda uma menina, que vive nos confins da campanha continentina com sua família (pai, Maneco Terra; mãe, Henriqueta; e os irmãos Antonio, Horácio e Lúcio). Sua casa é rústica, feita de barro e pau-a-pique, os cômodos são divididos por tecido e a cozinha é o espaço em que todos se encontram e traçam os planos, com exceção das mulheres da casa que *não devem se preocupar com as decisões*. Ana encarrega-se dos serviços da casa, lavar roupas, tirar leite, entre outros. Adolescente, enamora-se de um descendente de índio, Pedro Missioneiro, que foi acolhido por sua família, quando estava ferido. Após ter obtido melhora ele segue vivendo acerca da família, auxiliando na lavoura e na doma.

Em uma tarde Ana vai à sanga lavar roupa e, sem perceber, é seguida por Pedro. Ana engravida, contudo tenta esconder a gravidez até que é obrigada a contar à mãe. Sem querer seu pai escuta e assim que os filhos entram em casa ele os manda matar Pedro, para limpar a honra de Ana e da família. A partir desse momento, Ana passa a

³ Em função de limitações naturais do trabalho científico, optou-se por estas duas obras, mesmo sabendo que muitas outras poderiam compor esse exame contextualizador. Justificativa reiterada pelo fato das duas apresentarem narrativas regionais, produzidas regionalmente. A minissérie “A Casa das Sete Mulheres”, por exemplo, apesar de trazer a temática regional, trata-se de uma produção nacional.



ser rejeitada pelo pai e pelos irmãos. Seu filho nasce e cresce, sem receber atenção alguma do avô.

Para estes e os demais continentinos, de acordo com Veríssimo (2004b, p.55)

O código de honra daqueles homens possuía um nítido sabor espanhol. Falavam muito em honra. No fim de contas o que realmente importava para eles era “ser macho”. Outra preocupação dominante era a de “não ser corno”. Não levar desaforo para casa, saber montar bem e ter tomado parte pelo menos numa guerra eram as glórias supremas daquela gente meio bárbara que ainda bebia água em guampas de boi. (...) Para os continentinos o cavalo era um instrumento de trabalho e ao mesmo tempo uma arma de guerra, um companheiro, um meio de transporte (...).

Em outro momento Veríssimo (2004b, p.173) reitera: “(...) existem na vida dum homem de honra duas coisas sagradas que ele deve fazer respeitar à custa de todos os sacrifícios: a cara e a casa.” A gauchidade encontra paragem nessa postura, pois valores que hoje são nitidamente cultuados como honra, orgulho e virilidade e utilizados pela mídia por vezes como representação do gaúcho, refletem a maneira de pensar e de agir que se enraizaram no imaginário coletivo das gerações que sucederam a época de Ana Terra.

Na história, passados quatro anos, eles recebem a notícia de que há castelhanos por perto e estão atacando ranchos e moradores. As mulheres (Henriqueta e Eulália, esposa de Antonio) e Pedro, filho de Ana, são levados para um esconderijo no mato. Ana, por opção, fica junto dos homens da família e luta bravamente contra os castelhanos. Os homens da casa são todos mortos no confronto. Ana é violentada pelos bandoleiros que atacaram o rancho. Quando se recupera, corre para ver como estão os outros.

É nítido, por esses relatos, que os habitantes da Província de São Pedro (RS) pagavam um preço muito alto por viverem tão perto da fronteira castelhana, tendo que dar conta de invasões freqüentes, que não raras vezes terminavam em confronto. Também fica evidente que as lutas pela vida e pela terra, assim como as barbáries sofridas por invasores, que estavam presentes no cotidiano daquela gente.

No esconderijo, Ana encontra seu filho, sua mãe morta e Eulália tendo alucinações. Só, ela enterra seus mortos e fica à deriva sobre os escombros do que fora sua casa. Portanto, o único descende (homem) da família Terra que sobreviveu foi Pedro – um filho bastardo.



Ana exemplifica aspectos ambivalentes do feminino nessa gauchidade que se baseia em valores histórico-literários. Por um lado, revela a submissão da mulher, a impossibilidade de opinar e de escolher, bem como a insignificância de seus julgamentos, idéias e preferências – condutas que não se repetiam apenas no Rio Grande da época, mas que ainda hoje exibem traços na sociedade contemporânea. Por outro lado, mostra a força e a coragem da mulher gaúcha, pois mesmo nas condições mais adversas ela não se permite acomodar, desempenhando o papel de guerreira quando necessário. Ela tenta levar sua vida adiante, fazendo o que for necessário. Esses últimos valores são os mais reforçados na gauchidade midiática analisada, referindo-se à mulher e a sua participação em toda a trajetória do estado.

Voltando à história, noutra dia passou perto do rancho uma família que estava em viagem para Santa Fé, lugar em que um poderoso fazendeiro, o coronel Ricardo Amaral, desejava edificar uma vila. Ana, Pedro e Eulália seguiram viagem junto dos desconhecidos, levando consigo apenas uma roca e uma tesoura, objetos que sobraram após o rancho ter sido queimado pelos invasores.

O Coronel Amaral é uma figura interessante, uma vez que os padrões de hombridade para ele e, que de certa forma referem-se ao pensamento de uma época, eram: “(...) um homem bem macho devia saber manejar a espada, a lança, a espingarda e a pistola, entender de criação e ser um bom cavaleiro.” (VERÍSSIMO, 2004a, p.170) Nessa citação há uma referência ao espírito corajoso, mas também turrão – de guerrear por poucos motivos –, do gaúcho acunhado “faca na bota”, que “não escuta desaforos”. Esse perfil, de certa forma, ainda transparece nas representações feitas do gaúcho pela mídia. Cabe esclarecer, que naquele período os fazendeiros que integravam o exército recebiam os postos mais altos e, não raras vezes, os militares que se destacavam nos confrontos recebiam glebas de terras. A elite era formada pelos fazendeiros e militares, que poderiam ser as duas coisas. Eles é que realmente governavam/mandavam no povo. Eram esses sujeitos, portanto, que faziam prevalecer os valores, os hábitos, os comportamentos aceitos e adequados.

Em Santa Fé, Ana tornou-se parteira. Eulália, que já havia se recuperado, casou-se novamente. Pedro cresceu, desposou Arminda e foi para a guerra. Mais tarde, nasceram os filhos de Pedro e Arminda: Bibiana e Juvenal. Ana ajudou a cuidá-los até sua morte. A história também mostra a submissão da mulher, até mesmo certa anulação frente aos homens, contrastando com sua coragem e garra.



Santa Fé, como qualquer cidade gaúcha da época, é uma sociedade machista. Às mulheres, desde o nascimento, está reservado um lugar preciso na comunidade: devem obrigatoriamente se casar, parir filhos, cuidar dos afazeres domésticos e obedecer a seus maridos. Não há nenhum espaço de independência para elas: devem ser uma pálida sombra de seus maridos e viver em função deles. (VERÍSSIMO, 2004c, p.12)

Foi num dia de finados, do ano de 1828, que surgiu na cidade um certo Capitão Rodrigo, um tipo altivo, corajoso, que gostava de guerrear, montado em seu cavalo, com chapéu de barbicacho para nuca, lenço encarnado, violão a tiracolo e com sua espada embainhada. O personagem pode ser retratado como um tipo pachola e peleador⁴, sem muito apego à terra ou riquezas materiais, mas também um homem belicoso, viril e destemido.

Cabe esclarecer que muitas das guerras da ficção baseiam-se nos confrontos, nas batalhas e nas revoluções que fazem parte da história do RS. As guerras constantes imprimem ao gaúcho certa belicosidade, espírito guerreiro acrescido por um código de honra extremamente rígido. Estabelecendo uma correlação com o objeto de estudo, a abertura do GC retrata esse aspecto como se verá mais adiante. Esses elementos também são freqüentemente resgatados pela mídia, como podemos visualizar no anúncio a seguir, coletado durante a Semana Farroupilha de 2006.

⁴ Em um diálogo com Bibiana, Rodrigo diz: “A vida vale mais que uma pontada de onças. A gente passa trabalho numa guerra, mas se diverte muito.” (VERÍSSIMO, 2005a, p. 358)



Figura 1 – Anúncio veiculado no ZH 20/09/06
Dimensão original 27,75x15,81cm

A mensagem da peça publicitária faz lembrar um trecho de *O Tempo e o Vento* em que Veríssimo (2004b, p. 54) diz: “Poucos sabiam ao certo porque lutavam, mas havia na Província a tradição de ‘pelear com os castelhanos’, e seus homens encaravam as invasões como uma fatalidade (...)”.

Bibiana e Rodrigo casaram-se, mesmo a contragosto de Pedro Terra. Da união de ambos nasceu a família Terra Cambará. O primeiro filho do casal chamou-se Bolívar, segundo o pai em homenagem a Simon Bolívar, libertador da Venezuela. O casal teve mais duas filhas, Anita e Leonor. Passado um tempo sem guerras, Rodrigo cansou da vida pacata da cidade e do casamento e se entregou à bebida, ao ócio, ao jogo e às mulheres.

Segundo Veríssimo (2004a, p.236)

Os homens do Rio Grande estavam de tal modo habituados à luta e às correrias que quando vinha a paz não se conformavam mais com o



trabalho da terra, em que tinham de ficar mourejando de sol a sol, agarrados ao cabo da enxada ou da foice.

Assim, o estado de desalento de Rodrigo só acabou depois que suas filhas morreram e que a guerra entre caramurus⁵ e farroupilhas começou. O personagem foi para essa luta e morreu quando tomou a casa do coronel Amaral, aliado dos caramurus. Bibiana, durante todos os anos em que viveu com Rodrigo, permaneceu apaixonada por ele, muito embora nem todas as fases tenham sido boas.

Bolívar, o filho do casal, cresceu, tornou-se homem e desposou Luzia Silva, filha de criação de Aguinaldo Silva, um nordestino que enriqueceu em Santa Fé. Bibiana foi morar no sobrado de Aguinaldo, junto de Luzia e Bolívar. O casal teve um filho, Licurgo Terra Cambará, que acabou sendo criado pela avó Bibiana, em virtude de Bolívar, Luzia e Aguinaldo terem falecido. Bibiana, nesse momento, é uma senhora de meia idade centralizadora e autoritária, embora tenha sido submissa boa parte de sua vida. Volta a aparecer o traço ambíguo da personalidade feminina na gauchidade dessa obra.

Cabe lembrar que ao casar-se com Luzia e Aguinaldo falecer, Bolívar passou a ser dono do Sobrado e do Angico – estância de propriedade da família. Portanto, um senhor de muitas posses. Seu filho Licurgo é um dos homens com maior poderio econômico na cidade e desfruta também de prestígio político. Muito do que Licurgo aprendeu foi com sua avó Bibiana e nas rodas de chimarrão com a peonada do Angico. Sobre honra ele sabia que:

(...) um homem para ser bem macho precisava ter barba e vergonha na cara. Ter vergonha na cara significava possuir uma cara limpa em que nenhum outro homem tivesse batido. “Se um homem te esbofetear, mata o canalha no sufragante”. Ter vergonha na cara significava também nunca faltar à palavra empenhada, custasse o que custasse. (VERÍSSIMO, 2004b, p. 214)

Nessa citação fica evidente um código de honra rudimentar, compartilhado nos galpões do século XIX. Talvez, para um melhor entendimento devêssemos ler de maneira metafórica o que está sendo dito, pois, desta forma, correríamos menos risco de não entender os valores de honra e de bravura presentes nessa fala.

Licurgo casou com sua prima Alice e tiveram dois filhos, Toríbio e Rodrigo, os quais acompanharam o cerco ao sobrado em que viviam, durante a Revolução de 1895.

⁵ Combatentes do exército imperial que defendiam as causas do Império Brasileiro.



Posto que Licurgo fosse o prefeito, com ideais republicanos, adepto de Júlio de Castilhos, portanto chimango. Apesar do status que assumia, para Veríssimo (2004d, p.17):

(...) Licurgo Cambará desprezava o conforto. Gaúchos como ele em geral dormiam em camas duras, sentavam-se em cadeiras duras, lavam-se com sabão de pedra e pareciam achar indigno de macho tudo quanto fosse expressão de arte, beleza e bom gosto. Isso explicava a nudez e o desconforto de suas casas, a aspereza espartana de suas vidas.

A mulher de Licurgo deu a luz em meio ao cerco, teve complicações no parto e a filha nasceu morta. A criança foi enterrada no porão da casa e Licurgo relutou em chamar o médico para dar assistência a sua mulher e aos demais feridos que se encontravam na casa. Seu orgulho estava acima de qualquer coisa. Apesar das perdas, ele saiu vitorioso deste cerco e assumiu mais uma vez a intendência.

Cabe refletir sobre o conceito do que é a vitória nesse caso, pois, se ganhou pela resistência, o personagem, ao mesmo tempo, perdeu pela prepotência e arrogância. Sua filha e companheiros de luta morreram e sua esposa ficou com a saúde comprometida. É de se pensar no valor que a guerra acaba por assumir na vida desses gaúchos e toda a carga de significados que ela traz consigo.

Os primeiros traços de maior relevância no que diz respeito a identidades distintas e de internacionalização aparecem, na obra, com Rodrigo e Toríbio, quarta geração dos Terra Cambará. Eles formam parte da aristocracia do período. O primeiro é um gaúcho urbano – influenciado pela representação européia de homem da época, especialmente a francesa, como se pode observar nos relatos do personagem –, foi para capital estudar medicina, adquiriu modos de vida sofisticados, gostava de *champagne* e caviar. O segundo remete ao gaúcho da campanha, seu modo de vida era simples, tomava cachaça e comia carne de gado e de ovelha.

No trecho a seguir Rodrigo refere-se a Toríbio, dizendo assim: “És um bárbaro! Representas um Rio Grande que tende a desaparecer, um Rio Grande que vive em torno do boi e do cavalo, heróico sim, não há dúvida, mas selvagem, retardatário.” (VERÍSSIMO, 2004c, p.135). A fala de Rodrigo se concretizou parcialmente na esfera não-ficcional, já que o gaúcho representado por Toríbio hoje é minoria no estado. Contudo, ele é resgatado pela mídia, retornando simbolicamente para marcar datas especiais, como o dia 20 de setembro. O anúncio a seguir exemplifica essa fala.



Figura 2 – Anúncio veiculado ZH 20/09/06
Dimensão original 17,31x25,49cm

Na obra de Veríssimo, Rodrigo – filho de Licurgo e Alice – casou-se com Flora e teve cinco filhos: João Antonio, Floriano, Eduardo, Alice e Bibi. Cada um deles representava um tipo distinto, filiados as mais diversas correntes ideológicas vigentes na primeira metade do século XX.

Outro episódio dessa história, que traz marcas da gauchidade, é retratado a seguir.

Florêncio, sobrinho de Bibiana, depois do casamento e morte de Bolívar, relutou por anos para entrar no Sobrado. Em um diálogo com Dr. Winter, médico alemão que clinicava em Santa Fé, fica clara sua posição; o doutor começou dizendo:

- “ – Pois acho que vosmecê devia quebrar seu orgulho...
- Não é orgulho.
- Que é então? Teimosia?
- É vergonha.” (VERÍSSIMO, 2004b, p.193)

O orgulho é o sentimento que marca a gauchidade em sua essência. Compartilhado por muitos, o orgulho ainda agrega outra série de sentimentos traduzidos pelo apego à terra natal, à memória dos antepassados e a honra. Mas o orgulho tem seu



lado menos glorioso, quando leva a guerras, promove desavenças, provoca mortes em nome de uma honra estranha.

Embora a descrição e interpretação dessa obra tenham sido breves, é possível observarmos características diversas de seus personagens, que ao longo da história são capazes de mostrar a transformação que há na formação do gaúcho e, ao mesmo tempo, a permanência de determinadas marcas. De certo modo, essa diversidade de personagens que representam traços da gauchidade mostra o quanto sua composição é complexa.

Na segunda metade do século XVIII, por exemplo, têm-se as figuras de Maneco Terra e Pedro Missioneiro. Um refere-se a um pequeno produtor que viveu com sua família de forma simples, era rude e apegado à terra; o outro era descendente indígena e ficou a vagar pelo continente depois do Tratado de Madrid e da perda da Guerra Guaranítica. Pedro mostra, em certa medida, um retrato da origem do termo gaúcho, como um andejo, solitário, sem lei ou rei. Talvez, resguardadas as devidas proporções, o *Galpão Crioulo* mantenha esse traço andejo, realizando várias de suas produções de forma itinerante. Por outro lado, retoma marcas de Maneco Terra na valorização da família, por exemplo.

A rudeza é um traço que se mostra com clareza em Licurgo, mas também em Maneco. Às vezes entendida como grossura e até hostilidade, a rudeza integra também esse complexo conceito de gauchidade e pode ser percebida no programa GC, não no tratamento dado pelos apresentadores aos convidados, mas na constituição do cenário que traz o mínimo de elementos, que não preza pelo conforto, pela sofisticação, pelo requinte como acontece com outros programas. No GC prevalece a simplicidade. Isso será melhor argumentado no capítulo das análises.

O Tempo e o Vento é uma obra ficcional, mas que se apóia em fatos históricos que permeiam a história do RS, bem como nos valores, hábitos e tradições da época. Nos livros da coleção existe uma cronologia da narrativa ficcional em paralelo com a cronologia da história do estado, de modo que fica nítido o uso dos fatos históricos na vida de cada um dos personagens criados pelo autor.

No estudo da coletânea, podemos perceber alguns traços de gauchidade que se destacaram na trama e que ajudam a caracterizar o imaginário sobre o gaúcho. Esses traços são: belicosidade, honra, rudeza, valentia, bravura, apego à terra, hombridade, mas também orgulho, arrogância e prepotência.



Anahy de las Misiones

O filme **Anahy de las Misiones** narra a vida da família de Anahy na luta para sobreviver durante a Revolução Farroupilha. Enquanto **O Tempo e o Vento** se passa nos séculos XVIII, XIX e XX, esse filme retrata um período específico, os anos de 1835-45. A narrativa cinematográfica é mais um produto midiático que retoma fatos da história para desenvolver o seu enredo e, ao mesmo tempo, retomar e ressaltar valores, hábitos e tradições da cultura gaúcha da época.

Logo na primeira cena aparece a família, composta pela *madre* Anahy, a guria Luna, o guri Leonardo (Leon), o rapazola Teobaldo (Teo) e o filho mais velho Solano. Eles estão andando em um campo aberto e dois deles ocupam o lugar dos bois, puxando um velho carroção. É inverno de 1839 e eles estão no *rastro da pólvora*, passam pelos lugares onde se deram os combates em busca de objetos de alguma valia como, por exemplo, botas, poncho, anéis, armas (brancas e de fogo), em meio a mares de cadáveres. O objetivo é arrecadar esses objetos para revender mais tarde nos acampamentos militares, sejam eles republicanos ou imperialistas.

Mais uma vez, a temática da guerra atravessa a história. Agora, na revolução mais longa do estado. A partir dela é que surge a expressão farroupilha e farrapos⁶. Esses eram os termos utilizados para designar o exército republicano que, com tantos anos de peleja e sem muito dinheiro, teve seus pertences deteriorados com o passar do tempo. Contudo, mesmo nessas condições o orgulho não se abateu, muito pelo contrário, parece até ter ficado mais acentuado.

Anahy é a chefe da família, contrariando a lógica patriarcalista vigente no Continente de São Pedro do Rio Grande. Como matriarca Anahy mostra a força da mulher, a exemplo de Ana Terra, conduzindo sua família. Eles não têm teto, nem paradeiro certo. Vagueiam pelo continente. Acampam e dormem no mato. Eis aí outro conjunto de personagens que representam também o conceito de gaúcho na sua acepção original.

Conforme foi dito, sua família tira sustento das negociações que faz quando encontra os acampamentos dos guerreiros. Antes de chegar nestes lugares, Anahy instrui sua filha Luna para se “arrumar”. Ela se envolve em ataduras, para simular que é portadora de escrfulose. Assim, evita que os homens dos acampamentos se aproximem

⁶ Essa revolução foi batizada de Farroupilha e os integrantes do exército republicano, separatista, eram chamados de farroupilhas e, mais tarde, de farrapos em função das condições que se encontravam seus trajes, porque mesmo com poucos recursos, muitas vezes insuficientes para dar conta da alimentação, eles seguiam peleando por seu ideal.



e tentem algo contra sua “honra”. Embora, a mãe pudesse conduzir sua família como chefe, a figura da mulher, na personagem Luna, aparece de forma fragilizada, ficando à mercê da sorte contra os demais.

Durante as longas caminhadas, viajando pelo continente, Anahy conta lendas do folclore sul-rio-grandense, como a do Boitatá e a da Índia Minuana que vive nos rochedos, cujo assobio nenhum homem pode ouvir, caso contrário poderá se transformar em pedra. Através dessas histórias, ela mostra o saber adquirido pelos anos de experiência e, também, o valor que dava para o conhecimento transmitido pela oralidade. Hoje, são muitas as lendas e os causos que permeiam o folclore do estado. Histórias que são resgatadas no *Galpão Crioulo*, como, por exemplo, quando Nico contou a lenda da “Panelinha⁷”, em uma das edições do programa, mas também em concursos como o Encontro de Artes e Tradição Gaúcha, a Ciranda de Prendas⁸, o Entrevero de Peões, entre outros, reforçando e agregando novos elementos à gauchidade. Contudo, fora desses espaços e de algumas escolas, essas lendas se perdem e pouco encontra repercussão entre os cidadãos do estado.

Em meio às andanças, a família encontra um homem muito ferido, Anahy, apesar da promessa que fizera de não ajudar a ninguém de exército algum, acaba por auxiliar o farrapo Manoel Soares. Depois de curado, ele e Teo vão para o combate, guerrear ao lado dos farroupilhas. Anahy amarga em silêncio aquelas partidas, pois, muito embora contrariada com a ida do filho para a guerra, reconhece sua bravura – outro componente que serve ao discurso da gauchidade.

Certa vez, Anahy passa pela estância de Joca Ramires, antigo conhecido seu, que em uma conversa reclama das mazelas causadas pela Revolução. Ele está disposto a

⁷ Esta lenda foi contada na edição do GC da IX Fenatrigo. É uma lenda própria da cidade de Cruz Alta. Conta a história de um viajante que bebia água de uma fonte, do referido município, em uma panela e acabou se aquerenciando por lá.

⁸ “‘Prenda’ é a namorada, a moça gaúcha, num sinônimo de jóia ou valor muito estimado. O termo talvez tenha sido trazido ao Rio Grande do Sul pelos colonos dos Açores, pois naquele arquipélago lusitano é tradicional uma cantiga de tirana com o seguinte refrão: Tirana, atira, tirana, / Vem a mim, tira-me a vida: / A prenda que eu mais amava / Já de mim foi suspendida.

O primeiro registro do texto data de 1880, feito por Carlos Von Koseritz, precursor dos estudos folclóricos no Rio Grande do Sul. A melodia foi recolhida por Teodoro Tostes, na interpretação de um velho gaiteiro, nos anos 20, e reproduzida em São Paulo por Mário de Andrade em seu “Ensaio sobre Música Brasileira”. A partir de então, essa cantiga teve grande acolhida pelos rio-grandenses residentes no Rio de Janeiro após a Revolução de 1930, difundindo-se com menor ênfase nos meios urbanos do Rio Grande do Sul.

Vou-me embora, vou-me embora, / Prenda Minha, /Tenho muito que fazer. /Tenho de para rodeio, /Prenda minha, /No campo do bem-querer. / Noite escura, noite escura, /Prenda minha, /Toda noite me atentou. /Quando foi de madrugada, /Prenda minha, /Foi-se embora e me deixou. /Troncos secos deram frutos, /Prenda minha, /Coração reverdeceu. /Riu-se a próprio natureza, /Prenda minha, /No dia em que o amor nasceu.” (PRENDA MINHA, 2007, on-line)



abandonar o campo e ir viver na capital. Para tanto, pede a Anahy que leve consigo Picumã, uma mestiça que vive por lá. Picumã segue seu caminho com a família de Anahay e passa a “servir” Leon e Solano. Nessa passagem, percebe-se o êxodo do campo para a cidade, fato que tem acompanhado a realidade desse estado e dos demais do Brasil. O trecho mostra, também, a impotência das mulheres, que é mais acentuada quando se trata das que não possuem títulos ou posses, nesse caso uma mestiça.

Em uma das negociações em um acampamento farroupilha, Anahy descuida-se de Luna, sua filha, que procura o médico argentino Pedro Galvan e com ele perde sua virgindade. Luna engravida do médico e esconde a gravidez da mãe por um período. Luna repete a história de Ana Terra, que foi mãe solteira e deixou se seduzir.

A família de Anahay segue seu trabalho, saqueando os mortos para vender seus pertences nos acampamentos, garantindo suas sobrevivências. Mas, em um destes campos de batalha, Anahy se depara com outra face da morte, encontra o corpo de seu filho Teo ao lado do amigo Manoel. Ela e Solano cavam uma cova para os dois, os sepultam e tentam seguir seu caminho. Mas, em uma cena dramática Anahy não consegue mais resistir ao pranto que lhe invade, joga-se ao chão lamentando em um choro quase que esquizofrênico as várias perdas que teve ao longo destes anos de batalha, como a de seus dois filhos, Leon e Teo.

Em tempos de guerra o sofrimento das mulheres é quase uma constante, pois, além de terem que executar o trabalho antes feito pelos homens, dificilmente despem o luto. Essa força que as mulheres encontraram para dar continuidade às suas vidas, em meio a tantas batalhas, anulações, confrontos, destruição e revoluções é uma presença marcante nas narrativas e acaba por aparecer como traço da gauchidade midiática.

O filme termina com a retomada da marcha pelos membros que restaram da família e Anahy conversando com Luna sobre gravidez e o parto.

Anahy é uma mulher forjada pela guerra e que tem que se adaptar a ela. Seu comportamento é fruto de seu tempo: busca, em primeiro lugar, a sobrevivência e, no desdobramento disso, manter a família unida a qualquer custo. Dentre suas falas pode-se destacar: “O que está feito não se desfaz.”; “Sei tirar partido da guerra e da vida.” e “A vida nunca tinha se enfurecido com Anahy de las Misiones como de uns tempos pra cá... Mais ainda sobrevivo a muitos desavindos”.

Convém destacar que as personagens Anahy de las Misiones, Ana Terra e Bibiana Cambará, possivelmente, remetam a uma minoria das mulheres que viviam em suas respectivas épocas. Essas figuras midiáticas foram representadas pelos sentidos de



força, coragem, resistência e sofrimento. Todas elas são exceções em uma sociedade patriarcal e machista. Contudo, marcam, de certa forma, a participação feminina na gauchidade sobre outro aspecto, o da fibra e da valentia.

Enfim, o filme traz elementos marcantes da gauchidade de tempos passados, todos atravessados pela guerra. São eles: belicosidade, firmeza, simplicidade e força.

Considerações Finais

Mesmo que as obras descritas **O Tempo e o Vento** e **Anahy de las Misiones** sejam ficcionais, todas tomam por base e/ou por inspiração a história de constituição do atual estado do RS. Contam suas lendas, seus folclores, sua história e suas guerras para mostrar a formação dos valores, dos hábitos, dos interesses, das morais, das estéticas, das regras e, portanto, dos significados culturais de um povo.

Ambas as obras abordam a gauchidade, em uma das formas mais tradicionais, por meio das lutas, embates, guerras, revoluções, salientando a belicosidade e a bravura do povo sul-rio-grandense. Nas análises feitas sobre o GC pudemos encontrar traços claros da valorização desses traços mais tradicionais, sobretudo da bravura, das lutas e das revoluções.

Cabe dizer que essas produções midiáticas foram reveladoras de valores e costumes que se referem a uma gauchidade voltada à construção de tradições, incorporadas por instituições midiáticas, mas também regulamentadoras, como o Movimento Tradicionalista Gaúcho. Além de apresentarem uma visão semelhante sobre uma mesma gauchidade, a partir de histórias diferentes.

Referências Bibliográficas

ANAHY de las Misiones. Direção de Sérgio Silva. Roteiro de Sérgio Silva e Gustavo Fernández. Produção de M. Schmiedt Produções. Porto Alegre. 1 DVD, son., color.

BRIGNOL, Liliâne Dutra. *Identidade cultural gaúcha nos usos sociais da internet: um estudo de caso sobre a página do gaúcho*. 2004. 273f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2004.

GOLIN, Tau. *Identidades: questões sobre as representações culturais no gauchismo*. Passo Fundo: Clio Méritos, 2004.

HALL, Stuart; DUGAY, P. *Questions of cultural identity*. Londres: Sege, 1996.

_____. Quem precisa identidade? In: SILVA, T. T. et al. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.



HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984 (1997).

JACKS, Nilda. *Querência: cultura regional como mediação simbólica: um estudo de recepção*. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

NETO Perde sua Alma. Direção de Beto Souza e Tabajara Ruas. Roteiro de Tabajara Ruas, Beto Souza e Lígia Walper, Fernando Mares e Rogério Brasil Ferrari. Produção de Poedra Sola Produções. Porto Alegre. 1 DVD, son., color.

OLIVEN, Ruben George. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992 (2006).

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

SILVEIRA, Ada Cristina Machado da. *O espírito da cavalaria: e suas representações midiáticas*. Ijuí: EdUnijuí, 2003.

VERÍSSIMO, Érico. *O tempo e o vento [parte I]: o continente*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a. v. 1.

_____. _____. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004b. v. 2.

_____. *O tempo e o vento [parte II]: o retrato*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004c. v. 1.

_____. _____. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004d. v. 2.